Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

A ARTE DA SUPLÊNCIA E A SUPLÊNCIA DA ARTE [1]

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Resumo: Psicose, invenção, suplência e arte são questões para a clínica psicanalítica. O relato de uma experiência de leitura do Seminário do Sinthoma coincidente com o acompanhamento de um paciente psicótico em clínica particular acaba apontando que não só que as soluções não têm esse caráter de solução sem abalo que muitas leituras sugerem, mas que a obra que os analisandos constroem como suplência apesar de frágil, promovem, nele, a causa para seguir adiante. Articulando de forma diferente os problemas deixados por Freud, o artigo apresenta a necessidade de incluir a clínica com as psicoses, tanto quanto a invenção, como termos que se ligam à arte. A ligação, separação, dissolução e fugacidade que ocorre no fazer arte implica as diferentes possibilidades de ligação entre quatro termos, levando à possibilidade de haver uma política alternativa para enlaçar psicose, invenção, suplência e arte.

Palavras-chave: arte; suplência; psicanálise; psicose.

São Paulo
2023

THE ART OF SUPPLETION AND ART SUPPLETION

Abstract: Psychosis, invention, supplementation and art are issues for the psychoanalytic clinic. The report of a reading experience of the Sinthome Seminar coinciding with the monitoring of a psychotic patient in a private clinic ended up pointing out that not only do the solutions not have that character of being **without** sudden breaks and strong emoticons that many readings suggest, but that the work that the analysands build it as a supplementation, despite being fragile, do promote the cause to move forward. Articulating the problems left by Freud in a different way, the article presents the need to include the clinic with psychoses, as well as invention, as terms that are linked to art. The connection, separation, dissolution and fugitivity that occurs in making art implies the different possibilities of connection among four terms, leading to the possibility of there being an alternative policy to link psychosis, invention, supplementation and art.

Keywords: art; psychoanalysis; psychosis; supplementation.

A ARTE DA SUPLÊNCIA E A SUPLÊNCIA DA ARTE

Dentre os exemplos clínicos mais marcantes que recolhemos pelas histórias dos casos clínicos na obra de Lacan, é certo que o caso Joyce ocupa um lugar diferenciado. Não somente se trata de alguém que atingiu o máximo da experiência na Literatura, mas, ainda, quando Lacan começa a dar o Seminário sobre o Sinthoma (1976-1976/2007), será a primeira vez que ele vai se deter em mostrar o funcionamento do nó borromeano num caso clínico. Foi um ano inteiro dedicado a articular uma experiência, pelo nó, no caso de Joyce, fazendo um conserto, construindo uma reparação.

Se se pode afirmar que Joyce ocupa um lugar diferenciado, isso não mantém, tampouco se sustenta, a suposição de que o nó borromeano é uma articulação mais avançada que as anteriores. Uma obra se sustenta à medida que é capaz de responder aos problemas que o momento da elaboração promove. Se Schreber é diferente de Joyce, é tão somente pelo fato de que o Schreber do Seminário das psicoses (LACAN, 1955-1956/1998) introduz problemas que foram deixados por Freud e que exigem ser articulados a partir de uma Outra posição. Dentre eles, a concepção de delírio, a projeção na psicose, a homossexualidade na psicose e a transferência delirante.

O surpreendente é que os mesmos casos clínicos que nos esclarecem questões difíceis são transformados, aos poucos, em reduções banalizantes, por exemplo, afirmando que a questão da psicose, em Schreber, responde pela foraclusão do significante Nome do pai. Ainda, não se vê depois disso nada que retome o vigor de como um saber se realiza, na experiência. Como isso se dá? Por exemplo, de poder se perguntar se o retorno dos efeitos da foraclusão, como deriva metonímica ou de experiências delirantes, não deve ser articulado no interior do manejo da transferência e não somente como reafirmação da existência de fenômenos elementares em tal sujeito. Vou partir de uma experiência de leitura do Seminário do *Sinthoma* que se deu, mais uma vez, ao mesmo tempo em que acompanhava a construção da obra de um paciente psicótico em minha clínica particular. Essa obra é seu projeto de vida. Como antropólogo construiu uma nova posição, diferente da existente, em termos da relação da Antropologia com outros campos. Foi aceita pela comunidade de seus pares, com custo elevado subjetivamente para ele.

O que quero mostrar é que isso que veio a se tornar o seu projeto de vida, iniciado com seu doutorado e pós-doutorado no tema, avança na direção de incluir outros. Dois pontos merecem ser destacados. A construção dessa obra não vem sem abalos, abalos esses que abalam

significativamente a relação do sujeito com o mundo. Considere-se, também, que não há a menor garantia, mesmo depois da obra demarcada e posta em movimento, de não ser abalada em seu funcionamento outra vez. Quero ressaltar com isso que as soluções não têm esse caráter de solução sem abalo que muitas leituras deixam entrever.

A relação com um psicanalista é decisiva para manter os abalos com possibilidadede se religar e refazer laços, para quaisquer sujeitos que se disponham a isso. No caso Joyce, Lacan vai mostrar que ela não precisou fazer análise porque realizou o seu ponto mais avançado. Em Joyce, encontramos um dos paradigmas do real, desde a Psicanálise, que é sua condição de não ser ligado, de exceder a cadeia, e só se escrever sob a forma de letras, escrita, nó, envelopado pelo impossível.

Os psicóticos com os quais lidamos em nossa clínica constroem uma posição a partir da transferência com um psicanalista. Poucos se dedicam à escrita de maneira decisiva, implicados com ela. Outros constroem posições menos limitadas em função doque tratam na relação com o psicanalista.

Será mesmo que não há aproximação entre a solução joyceana, como solução pela escrita, e a solução que se escreve e que se mantém sustentada, com abalo, pela relação com um psicanalista? Não se trata, em um e em outro caso, da escrita de uma posição, um como escritor, outro como conquistando um novo lugar numa outra relação?

Quando se fala de escrita não se pode reduzi-la à condição do escritor, seja de poesia, seja de literatura. A escrita vai além disso. Ela escreve a marca de onde surge uma posição. Algo se dá, seja pela transferência, seja pela obra, como escrita que escreve uma posição do sujeito, a partir da qual ele passa a se contar. Trata-se de um se contar pelo que se escreveu de uma posição e que pode ser reconhecida por outros.

Tanto quanto é difícil se desembaraçar de uma concepção de escrita, limitada ao escritor, é difícil também se desembaraçar da ideia de que fazer arte é a mesma coisa que pertencer ao campo das artes plásticas. Se há algo a nos advertir quanto à função do artista é de não reduzir essa experiência a seu fazer artístico, ou seja, como pintura, como escultura e outras. Importa considerar que, antes ainda, fazer arte é construir uma outra relação com o espaço, seja para esvaziá-lo de sentido, seja para mudar sua forma, indo até o limite de sua composição. A arte altera a relação com a realidade à medida que o fundamento de sua existência se dá através da mudança, pelo estranhamento, pelo esvaziamento e pela dissolução das formas instituídas. Não somente ela modifica a relação com o espaço, com a entrada em cena do olhar, com o efeito da divisão promovida pelo estranhamento. Além disso, essa experiência é vivida diferentemente por cada um. Nisso, pela psicanálise, a arte participa da lógica do não todo, na medida em que

a mostra pelo furo, tanto quanto pelo singular e fugaz.

Partindo do princípio de que fazer arte não se reduz a pertencer ao campo das artes plásticas, fazer arte é um fazer que se dá quando há ligação, tanto quanto separação, dissolução e fugacidade. Ou seja, fazer arte implica as diferentes possibilidades de ligação entre quatro termos. Esses quatro termos se repetem em diferentes momentos do ensinamento de Lacan. Em cada um desses momentos a ligação entre eles produz consequências e articulações diferenciadas para situar as posições do sujeito, pelo significante, pelo objeto e pelo saber. Portanto, a arte tem a ver com essa ligação que se produz a partir de quatro termos, sem os quais não haveria um fundamento da arte com sujeito, ainda que ele possa desaparecer. É colocando quatro termos para funcionar que a arte se situa desde a Psicanálise. Acontece que são esses mesmos quatro termos que situam a posição de cada um dos falantes na estrutura. A arte pela Psicanálise é quaternária porque os quatro termos presentes na estrutura permitem o funcionamento dela, ao mesmo tempo em que, valendo-me de uma frase de Lacan sobre Antígona, confere ao homem comum a possibilidade de acesso a ela.

Fiz referência antes sobre a construção de uma suplência, como construção de uma obra, pela experiência de um analisante. A condição dessa obra que os analisandos constroem como suplência é tecida por um tecido frágil em alguns momentos. Mas é ela, obra, sua continuidade, aquela que promove, nele, a causa para seguir adiante. Em seu caso, trata-se de uma construção que envolve sua sustentação na vida. Nisso, ela é causa de seu fazer. A causa da suplência pela arte é o que mantém a arte viva. Arte de sustentar uma posição através de uma ligação entre os quatro termos de sua estrutura. O trabalho se encontra orientado pelo objetivo de conseguir levar adiante a construção da suplência, tanto quanto fazer disso a causa de suas ações, ou seja, de sua vida.

Condição diferencida, quando se trata de sustentar uma posição a partir de um encontro contingente que produz uma nova posição. Nesse caso, não se trata necessariamente de insistir na direção que se abriu, a partir de determinado momento. Contudo, ainda que o poder da causa possa ser reduzido, o sujeito pode fazer arte inventando uma nova posição, e não mais na busca do sentido que se perdeu. Não se pode deixar de admitir que fazer arte como invenção de uma posição é comum à suplência na psicose, tanto quanto para o falante que se aventura positivando o fracasso. O fato de cumprirem funções diferentes não significa que não mantenham parentesco na estrutura,situando seus termos diferentemente.

Uma vez que os desdobramentos de uma elaboração sobre a suplência permitem incluir a arte, sem privilegiar o ser artista, tampouco o ser escritor, isso significa que não somente a arte decai de um lugar idealizado, mais além, mas se apresenta a necessidade de incluir a clínica

com as psicoses, tanto quanto a invenção, como termos que se ligam a ela, arte. Não passa despercebido que esses termos – psicose, invenção, suplência e arte – se escrevem como questões para a clínica do psicanalista, tanto quanto para os laços que mantêm com alguns outros.

Uma política, como alternativa para enlaçar psicose, invenção, suplência e arte, se anuncia como possível de ser articulada. Para tanto, terá sido necessário ter respondido à voz de uma aposta diferente, com cada um desses quatro termos, como sinônimo de uma experiência que cativa aqueles que desejem se ligar a eles.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: o sinthoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. (1955-1956**). As psicoses, livro 2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.